

COMENTÁRIO A
**TESSALONICENSES
E FILIPENSES**

Júlio Zabatiero







SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. Comentário a 1 e 2 Tessalonicenses	11
2. Comentário Teológico	23
3. Comentário a Filipenses: Uma Cidadania Messiânica	97
4. Comentário Teológico	113

INTRODUÇÃO

Este comentário é o volume inicial de uma série de comentários e ensaios teológicos sobre os escritos do apóstolo Paulo. Faz parte de um amplo projeto de interpretação dos escritos paulinos, que se concretiza em três tipos de textos: (a) comentários teológicos a todas as epístolas paulinas; (b) ensaios de teologia paulina propriamente dita; e (c) ensaios sobre os conceitos teológicos no mundo do apóstolo Paulo.

A junção de Tessalonicenses e Filipenses em um único volume possui duas razões principais: (a) são cartas dirigidas a comunidades localizadas em cidades da mesma região do mundo greco-romano (uma distância aproximada de 160 km entre elas), embora escritas em diferentes momentos do ministério e vida de Paulo: Tessalonicenses podem ter sido escritas por volta de 49-51 d.C., enquanto Filipenses pode ter sido escrita entre 57 e 62 d.C. A distância espacial e a distância temporal nos autorizam a estudá-las à luz

do mesmo contexto. (b) A segunda razão para a junção destas cartas neste volume tem a ver com o projeto da Teologia Paulina. Cada tema de teologia paulina que será discutido em ensaios estará ligado a uma ou mais cartas. Assim, a discussão do primeiro tema da Teologia Paulina, Deus, está vinculada ao estudo de Tessalonicenses. O segundo tema, Jesus Cristo, está vinculado ao estudo de Filipenses. A relação entre os temas e as cartas é baseada na importância e frequência do tema na carta a que se vincula – por isso, às vezes, outras decisões poderiam ter sido tomadas. Afinal de contas, porém, os comentários podem ser estudados independentemente dos ensaios temáticos e vice-versa.

A estrutura dos comentários é a seguinte: (1) a primeira seção é intitulada “para entender as epístolas paulinas em seu contexto”, e seu conteúdo praticamente será repetido a cada volume. Por quê? Porque a abordagem exegética aqui adotada é linguístico-semiótica e analisa o contexto como o *universo discursivo* em que os textos foram escritos. Assim, podemos postular o *mesmo* contexto para todas as epístolas paulinas – havendo variações em detalhes, é claro, de conformidade com a localização das comunidades destinatárias e com a passagem do tempo entre as cartas.¹ Posso antecipar aqui uma das premissas

1 A fundamentação teórica da abordagem pode ser estudada em: ZABATIERO, Júlio P. T. M. *Manual de Exegese*. São Paulo: Garimpo, 2019; *Hermenêutica Contextual*. São Paulo: Garimpo, 2018; “Exegese Sêmio-Discursiva”. In: CARNEIRO,

da leitura teológica das cartas de Paulo, que será discutida na primeira seção: não vejo razões suficientes para questionar a autoria paulina de nenhuma das cartas do *corpus paulino* neotestamentário. Não vejo razões técnicas para adotar a hipótese mais comum na história da exegese moderna de Paulo, de que das treze cartas ‘paulinas’ do Novo Testamento apenas sete seriam ‘autênticas’. (2) O comentário propriamente dito, que prioriza a dimensão teológica do texto estudado e é precedido por uma breve apresentação da ocasião para a carta sob análise, por uma apresentação da síntese interpretativa da carta e por uma descrição da estrutura da carta – que é seguida na organização do comentário propriamente dito.

Os ensaios sobre a teologia do apóstolo serão organizados a partir do eixo da *fidelidade*. Esta estrutura temática não pode ser entendida como expressão da ‘intenção’ de Paulo, mas, de modo similar à teologia paulina de James Dunn, deve ser vista como exemplo do resultado de um diálogo com Paulo, e não como uma reconstrução historiográfica do pensamento do apóstolo. O panorama temático desses ensaios é arranjado de modo quiástico, que visa nos ajudar a mergulhar no modo de pensamento de Paulo, um judeu, para quem o paralelismo fazia parte do modo de pensar e escrever – não era apenas uma técnica. O arranjo é o seguinte:

Marcelo; LEONEL, João (eds.). *Para estudar a Bíblia - Abordagens e Métodos*. São Paulo: Recriar, 2021, p. 139-163.

- (A) Fidelidade Divina (1 e 2 Tessalonicenses)
- (B) Fidelidade Messiânica (Filipenses)
- (C) Fidelidade Espiritual (1 Coríntios)
- (D) Fidelidade Evangélica (Gálatas)
- (E) Fidelidade Apostólica (2 Coríntios)
- (D') Fidelidade Eclesial-Ministerial (Pastorais)
- (C') Fidelidade Salvífica (Romanos)
- (B') Fidelidade Espaço-temporal (Efésios)
- (A') Fidelidade Subjetiva (Colossenses e Filemon)

Do ponto de vista da publicação, porém, o planejamento é distinto: (a) sete volumes de comentários às cartas de Paulo²; (b) nove volumes de ensaios teológicos; e (c) dois volumes abordando a epistemologia da teologia bíblica e a contextualidade dos conceitos paulinos em seu próprio mundo. Sabemos, porém, que o ser humano 'põe', mas Deus 'dispõe'. Assim, a conclusão do projeto está entregue ao cuidado do Deus Fiel, que transformou a vida de Paulo e continua transformando a vida de todas as pessoas que a Ele se entregam fielmente.

2 Para que os volumes tenham aproximadamente o mesmo número de páginas, três volumes tratarão de mais de uma carta: (a) Tessalonicenses e Filipenses; (b) Colossenses, Efésios e Filemon; e (c) Pastorais.

1. COMENTÁRIO A 1 E 2 TESSALONICENSES

1.1. Tessalônica

Tessalônica era uma cidade importante e próspera que manteve sua cultura grega mesmo sob a dominação romana, cujo *status* como cidade livre era garantido por sua lealdade a Roma, expressa de diversas formas, particularmente através do culto imperial. Boring sintetiza a situação do culto imperial à época de Paulo: “dentro desta variedade sincrética, a presença e importância do culto ao imperador, associado com a deusa Roma era clara na Tessalônica do primeiro século, fundamentando a ‘paz e segurança’ da cidade (ver sobre 5,3). Uma inscrição do tempo de Augusto (27 a.C. – 14 d.C.) *Kaisaros Naos* (Templo de César), documenta a existência de um templo de César. As moedas da cidade eram impressas com a efígie de César substituindo a figura de Zeus. O culto a César envolvia não apenas sacrifícios a, e pelo imperador, mas também muitos

eventos cívicos e dias festivos. O culto não foi imposto pelos romanos, mas iniciado e encorajado por cidadãos locais, um movimento autóctone e não uma imposição estrangeira, autoritária.”³ A hesitação em participar de tais celebrações comunitárias só podia ser interpretada como a não preocupação com o bem-estar da cidade e não passaria despercebida. Ademais, tal afastamento seria uma afronta às relações de patronato que permeavam o relacionamento social nas cidades romanas, gerando inevitavelmente uma reação forte (e não legal) das pessoas que tenham se considerado ofendidas.

Uma cidade com cerca de 60.000-100.000 habitantes, marcada pela diversidade religiosa, com a presença de uma pequena colônia judaica, orgulhosa de seu status como cidade livre, era um espaço de tensão para uma pequena comunidade de seguidores do evangelho do Messias Jesus – tanto em sua relação com a colônia judaica, como em sua relação com a população em geral. Não é à toa que a perseguição e os problemas com os ‘de fora’ formam um dos temas centrais da correspondência paulina com os tessalonicenses. Em um mundo em que a opção religiosa não estava desligada da vida pública, a aceitação de Jesus como o único Senhor e a afirmação de sua *parousia*, claramente em substituição a César e sua *parousia*, seriam vistas como um perigo para a estabilidade

3 Boring, M. Eugene. *I and II Thessalonians: A Commentary*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2015, Local do Kindle 1363-1369.

e o *status* da cidade, de modo que a pequena comunidade messiânica teria de ser muito firme para enfrentar tal tipo de oposição e lidar com as consequências do novo estilo de vida por ela adotado.

1.2. A ocasião para as cartas

Que problemas são esses? Primeiramente, o sofrimento que a comunidade messiânica de Tessalônica enfrentava por causa da oposição de seus compatriotas à sua nova identidade religiosa (mais por gentios do que por judeus). Em segundo lugar, detalhes relativos à *parousia* do Messias Jesus (ou do ‘dia do Senhor’) estavam causando dissensões e desânimo na comunidade. Em terceiro lugar, a prática ‘desordenada’ de vida de alguns membros da comunidade (sejam líderes, ou não) ameaçava o testemunho comunitário perante os de fora. Os três problemas estão interligados à questão da identidade apostólica de Paulo, à identidade da própria comunidade, e à relação da comunidade com a cidade e o Império.

1.3. A síntese interpretativa

As cartas aos tessalonicenses, geralmente reconhecidas como as primeiras de Paulo (cerca de 15-20 anos após seu reconhecimento de Jesus como o Messias), escritas por volta de 50-52 d.C., nos oferecem

um vislumbre da pregação e teologia de Paulo na fase central de sua carreira apostólica. É tentador construir uma visão do ‘desenvolvimento’ do pensamento de Paulo através de uma leitura diacrônica de suas cartas, mas a natureza destes escritos torna a tarefa mais difícil do que parece. Por exemplo, o uso do termo *parousia* do Senhor Jesus é frequente nestas duas cartas, mas praticamente ausente no restante das epístolas. Apenas em 1Co 15,23 ele é novamente usado em sentido escatológico. Por outro lado, o tema da justificação está ausente destas cartas em que não há questionamentos relativos ao papel da Lei na vida dos gentios, mas é frequente em Romanos e Gálatas (cartas em que o debate relativo à identidade judaica é intenso). Obviamente, portanto, se considerarmos Gálatas e Romanos como *template* da teologia de Paulo, o lugar das cartas aos tessalonicenses é periférico, na melhor das hipóteses. Não considero viável, porém, esse movimento interpretativo e interpreto as cartas aos tessalonicenses a partir de seus próprios méritos, e não a partir de sua eventual posição relativa às cartas ‘mais teológicas’ do apóstolo.

A frequência do vocabulário político ligado à ideologia do Império Romano ressalta nestas epístolas e nos possibilita ver a pregação de Paulo como um contraponto à propaganda imperial romana (bem como à eventual pregação judaica aos gentios, sem contar com a polêmica em relação às demais religiões e filosofias da época). Como afirma Punt:

no contexto deste império, a palavra ‘boas novas’ (*euaggelion*, ou ‘evangelho’) teria sido usada mais comumente para descrever a ascensão de César Augusto ao poder. De fato, o arauto que anunciava a chegada de um imperador como Augusto seria um *apóstolos* (mensageiro, não ‘apóstolo’) com uma mensagem da *parousia* (‘chegada’ e não retorno de Cristo) do *kyrios* (‘senhor’, um dos muitos títulos dados ao imperador). À esta luz, torna-se necessário lembrar que o termo comumente traduzido como ‘igreja’, *ekklesia*, era usado para descrever uma reunião política e *ta ethne* funcionava como uma referência a todas aquelas ‘nações’ ou ‘povos’ sob o domínio romano (e não somente aos ‘gentios’).⁴

O anúncio das boas-novas e da *parousia* de um novo *kyrios* certamente seria visto como bastante provocativo no contexto tessalonicense e causaria uma forte reação da parte das lideranças da cidade, bem como dos próprios judeus na cidade, preocupados com a sua situação diante da expulsão de seus conterrâneos de Roma em 49 d.C. As cartas foram escritas primariamente para ajudar a comunidade a lidar com as pressões externas que ameaçavam a sua fidelidade ao evangelho do Messias Jesus e reforçar as suas convicções construídas desde a atividade missionária de Paulo na

4 PUNT, Jeremy. Postcolonial Approaches: Negotiating Empires, Then and Now. In: MARCHAL, Joseph A. (ed.). *Studying Paul's letters: contemporary perspectives and methods*. Minneapolis: Fortress Press, 2012, p. 198.

cidade (cerca de um ou um ano e meio antes da escrita das cartas).

Outro motivo importante da escrita das cartas, especialmente da primeira, é a questão da identidade do apóstolo Paulo e a da própria comunidade. A linguagem fortemente pessoal e afetiva da primeira carta não deve ser lida apenas em termos ‘pessoais’, mas também em termos das relações de poder e de identidade. Paulo faz um grande esforço na primeira carta para desvincular de si e da comunidade a relação de patronato-clientelismo dominante na sociedade greco-romana. A linguagem da primeira carta oferece à comunidade uma versão de sua identidade como uma família de iguais e de Paulo como um *igual*, pertencente igualmente à comunidade. A ênfase na *parresia* (ver 2,1-12) e no adequado testemunho público (*in passim*) tem a ver com a espiritualidade proposta por Paulo à comunidade, caracterizada por um estilo de vida messiânico capaz de alterar profundamente os fundamentos das relações sociais.

A questão da *parousia* do Messias era um dos tópicos que alimentava a pressão externa e causava polêmicas internas. Essas eram de duas naturezas. Em primeiro lugar, tinham a ver com os detalhes relativos ao tempo e modo da chegada – e como veremos na interpretação das cartas, o problema não era (como se interpretou durante bom tempo) o desapontamento pela não-chegada do Dia do Senhor naquela geração

inicial de crentes em Jesus. A pregação de Paulo falava da indeterminação temporal e não da iminência cronológica da *parousia*. O problema girava principalmente ao redor da situação dos crentes mortos quando da *parousia* e de eventuais acontecimentos preparatórios da chegada. Em segundo lugar, o problema tinha a ver com a relação com os de fora – esperar a *parousia* do *kyrios* Jesus certamente seria uma afronta a uma eventual expectativa pela visita de um imperador e causaria forte pressão e ameaças sobre a comunidade.

As cartas visam, então, reassegurar a comunidade a respeito dos detalhes da *parousia* e reforçar a resposta correta às pressões causadas por essa esperança – de modo que a segunda carta, não havendo mais a necessidade de focar na questão da identidade, pode ocupar-se mais especificamente dos problemas ‘apocalípticos’ que não haviam sido resolvidos mesmo após a visita de Timóteo. A origem desses problemas deve estar no fato de que a quase totalidade dos membros da comunidade messiânica era composta de gentios com pouco ou nenhum conhecimento das sutilezas da apocalíptica judaica. Facilmente a pregação de Paulo sobre o tema geraria mal-entendidos e dificuldades, acrescido ao fato de que profetas da própria comunidade poderiam também trazer mensagens inadequadas, às quais Paulo teria de responder em suas cartas.

As cartas também oferecem uma resposta de Paulo ao problema causado por alguns membros da comunidade que não davam um testemunho adequado, tanto interna como externamente. Pessoas que não viviam de seu trabalho e, por isso, causavam prejuízo aos demais membros da comunidade que deveriam sustentá-las. Tais pessoas também provocavam problemas para com os de fora da comunidade, pois forneciam argumentos para a pressão externa contra quem seguia o Messias Jesus – qualquer ‘desordem’ poderia servir como pretexto para uma prisão ou outro tipo de sanção contra a comunidade. É possível que essa atitude de relaxamento público tenha a ver com uma crença na iminência da *parousia*, mas não é necessário interpretá-la dessa maneira. Uma vez que o evangelho do Messias Jesus solapava as bases da autoridade imperial, essas pessoas poderiam simplesmente estar reagindo de modo inadequado, causando problemas que não poderiam ser resolvidos pela comunidade. Outras cartas de Paulo também mostram o cuidado do apóstolo em não provocar situações de pressão legal desnecessária para as comunidades, cujos problemas já seriam suficientemente graves, de modo que o acréscimo de motivos para sanções judiciais ou políticas deveria ser evitado. Também podemos ver nesse tipo de comportamento o reflexo de uma situação de *anomia* social causada pelo rompimento das relações de patronato, de modo que os novos seguidores do

Messias ficaram sem norte para o seu comportamento social derivado de sua nova religião.

A segunda carta dá continuidade à tentativa de solução dos problemas efetuada na primeira. Possivelmente, diante da explicação a respeito da indeterminação da *parousia* surgiram questionamentos a respeito do que *impedia* a manifestação do Senhor, que foram respondidos através da enigmática figura do *katechon*. Estas mesmas pessoas, insatisfeitas com a primeira carta, continuaram o seu estilo de vida *ataktos*, não aceitando as exortações da primeira carta, o que motivou a retomada do tema na segunda. Muito mais do que uma discussão ‘doutrinária’, a temática da *parousia* nas cartas aos tessalonicenses, portanto, retrata uma das formas assumidas pelo conflito entre o evangelho do Messias Jesus e o evangelho imperial romano.

As cartas representam, portanto, a resposta pastoral do apóstolo Paulo a problemas de uma comunidade religiosa ainda imatura diante das pressões externas e polêmicas internas. A ausência do apóstolo certamente facilitaria a dissonância eventualmente causada por membros da comunidade que, baseados em sua própria experiência carismática, apresentariam palavras proféticas supostamente autoritativas, contrárias ao ensinamento de Paulo e potencialmente perigosas para a comunidade. Assim, Paulo enfatiza nas cartas o seu próprio exemplo

pessoal, a sua conduta íntegra e a resposta igualmente íntegra da comunidade à sua pregação. Esse exemplo de ousada integridade deveria ser lembrado diante da dificuldade de discernir que palavras efetivamente seriam provenientes do Senhor e que profetas seriam porta-vozes do Espírito Santo.

De fato, é possível que os distúrbios causados pela dificuldade de lidar com as experiências carismáticas tenham sido uma das causas da nova estratégia paulina de escrever cartas às ‘suas’ comunidades, oferecendo às mesmas algo mais palpável do que apenas a memória oral de sua pregação. As exortações finais de 1 Tessalonicenses, pouco valorizadas na maioria dos comentários, nos abrem uma janela para a vida religiosa das comunidades paulinas, certamente muito mais típicas de uma religiosidade carismática do que de uma religiosidade de cunho doutrinário ou escolar: “Não apaguem o Espírito. Não tratem com desprezo as profecias, mas ponham à prova todas as coisas e fiquem com o que é bom”.

1.4. Estrutura das cartas

As cartas paulinas normalmente são estruturadas em paralelismo quiástico, o que seria de se esperar de um judeu treinado na interpretação das Escrituras. Essa estrutura discursiva não anula a estruturação textual propriamente dita (do plano de expressão,

seguindo a linguagem da semiótica greimasiana), seja seguindo a estrutura mais ou menos típica das cartas helenistas, seja seguindo padrões da retórica greco-romana. Apresento a estrutura discursiva, não entrando na discussão da estrutura textual propriamente dita.

1 Tessalonicenses

- A Saudação Inicial (1,1)
- B Ação de Graças (1,2-10)
- C A integridade de Paulo como ministro do Evangelho (2,1-12)
- D A recepção do Evangelho em meio ao sofrimento (2,13-16)
- E Visita impedida (2,17-20)
- F Visita e Relatório de Timóteo (3,1-10)
- G Planos para visita de Paulo (3,11-13)
- F' Exortações a uma vida santa (4,1-12)
- E' Quanto aos que dormem (4,13-18)
- D' Quanto ao dia do Senhor (5,1-11)
- C' Exortação à integridade comunitária (5,12-22)
- B' Orações (5,23-25)
- A' Saudações Finais (5,26-28)

Este arranjo estrutural mostra que a planejada visita de Paulo à comunidade ocupa o centro temático da epístola, o que combina bem com a motivação para a escrita da carta conforme descrita na hipótese interpretativa acima.